

O AGIR HUMANO SEGUNDO A “OFFENBARUNG”: A LIBERDADE DO SUJEITO

Alberto Vivar Flores* (alberto_vivarflores@hotmail.com)

Jônatas Oliveira Pantoja** (jonataspantoja@hotmail.com)

Universidade Federal de Alagoas

Resumo: O homem é seu próprio objeto em matéria de história. Artes, ciências, trabalho apresentam um ser na tentativa de alcançar um grau até então não alcançado, o *novum*. O olhar de si mesmo difere o homem dos outros seres. A história nasce a partir da oposição do sujeito à si mesmo. Sem se deter unicamente no argumento especulativo filosofias da história, como a hegeliana, cuidarão em definir tal processo de humanização como o “*colocar-se diante de si mesmo como objeto, para repossuir-se no ato do conhecer como sujeito cognoscente*”. À essa manifestação de-si-para-si definimos como “Offenbarung”(revelação). Essa objetivação só poderia ser alcançada mediante o advento particular de uma fonte de conhecimento, da novidade (imprevisível), a liberdade. A liberdade do sujeito na/da história só se dá a partir do momento que se determina a si mesmo. Com isso, essa liberdade enquanto advento do novo, só se dá em um ambiente imprevisível.

Palavras - chave: revelação, liberdade, imprevisibilidade.

O cerne da mensagem de Hegel consiste em sua tese acerca da filosofia da história. A história para Hegel não é a aparência, ela é a realidade de Deus, *Deus sive história*; Esse pensamento está fundado no que Robert Hartman, na introdução a *A razão na história* de Hegel, chamou de “grande tríade”, formada pela Idéia-Natureza-Espírito. Em que a Idéia representa a realidade dinâmica, que desenvolve-se fora-de-sí(Espaço) originando a Natureza. Essa, em seu desenvolvimento pelo reino mineral e vegetal encontra sua máxima expressão no homem, que passa a ter consciência da Idéia em si. À essa autoconsciência da Idéia designar-se-á ser Espírito. História é o desenvolvimento do Espírito no Tempo. O Espírito está resignado à revelar-se para se identificar como tal. A revelação é o ato infinito e necessário de Deus. Por ser o avanço da consciência do Espírito, a história mundial é o avanço da liberdade. Com isso, não apenas o Espírito progride à liberdade, mas o homem em si.

O pensamento, traçado por Hegel, em torno da revelação não apenas mostra que *“sua abordagem do conceito de “Offenbarung” é a da perfeita correspondência entre o conteúdo e a forma da manifestação histórica de Deus[...]”*, mas também *“pretende encontrar a confirmação de sua narrativa argumentativa [...] tal como historicamente realizada”*. Enquanto a religião cristã é a religião da “Offenbarung”, porque nela nos é dito totalmente o que Deus é; a história é o transcurso do desenvolvimento do Espírito, em sua totalidade, e em sua liberdade.

Hegel vai poupar-se em atribuir uma autonomia ao Espírito que não seja o preciso ato de revelar-se. No entanto, caberá a Schelling endossar o conteúdo da revelação com base na liberdade. Essa tentativa em refutar a filosofia hegeliana da revelação, foi, de forma acabada, formulada no período em que, ao ocupar a cadeira de Hegel como professor, em Berlim, acaba por dedicar-se à mostrar a Crise da “Offenbarung” hegeliana. Enquanto a “Offenbarung” deve oferecer algo que de outro modo não poderia ser alcançado, para o segundo Schelling, o Espírito é livre para manifestar-se. Para isso, mostrará que a revelação não é um acontecimento necessário, como defendia Hegel, mas a manifestação da vontade da Divindade. Portanto, *“é a filosofia da liberdade que aqui se anuncia”* (FORTE, 2003:28).

De modo geral, o que para Hegel será a necessidade, para Schelling há de ser a liberdade. Há uma necessidade da liberdade, que motiva a condição de liberdade.

Aprofundar o estudo do conceito da “Offenbarung” deixa, tão somente de ser um conteúdo puramente teológico e passa a ser ao mesmo tempo– antropológico, sociológico e, por que não,- histórico. A explicação conferida por Hegel à manifestação do homem na história baseia-se na objetivação do sujeito a si mesmo. Para tanto, afim de objetivar-se-a-si, precisa, o sujeito, determinar-se. Sendo necessário o sujeito objetivar-se, *“tornar-se objeto para si mesmo e, assim, determinar-se como objeto de seu conhecimento”*. No produzir os fatos humanos, o sujeito só assim poderá fazê-los por ocasião de seu contato com algo dado por si mesmo, e para si. Pois, o *princípio da experiência*, conforme Hegel nos declara, *“contém a determinação infinitamente importante de que, para admitir e ter por verdadeiro um conteúdo, o homem mesmo deve estar ali”*. Ato da experiência concebido como o *“colocar-se diante de si mesmo como objeto, para repossuir-se no ato do conhecer como sujeito cognoscente”*. Segundo Hegel, a história nasce como um processo infinito de objetivação à si mesmo; é o desenvolvimento do espírito na natureza.

No sentido do que estamos trabalhando, essa há de ser postulada como a principal contribuição hegeliana para o presente estudo. Analogamente, o homem, conforme o pensar Schellingiano, está condenado à sua liberdade. “A liberdade é a matéria própria da história” (CRUZ, 2007:22).

“O olhar sobre si mesmo distingue o homem dos outros seres. A ânsia por civilização leva o homem a tentar melhorar não só as suas condições materiais, mas a si próprio, como um todo”. A história só começa pela cisão do imediato, pela oposição do Espírito a si mesmo para tornar-se seu próprio objeto, e por isso a história tem de nascer subjetiva e objetivamente ao mesmo tempo. O homem é seu próprio objeto em matéria de história. Artes, ciências, trabalho apresentam um ser na tentativa de alcançar um grau até então não alcançado. [É subtrair o antigo pelo imediato excitante].

O agir humano, motivado por sua liberdade intrínseca, se apresenta de três modos, segundo nos

apresenta Juan
Cruz Cruz:

“1º) O processo biológico (com seu metabolismo permanente) é realizado por uma ação circular, cujo ponto de chegada é sempre o ponto de partida[...]. 2º) O mundo não-natural ou artificial das coisas feitas pelo homem é executado por uma ação recorrente[...]. 3º) A vida intersubjetiva, feita sem meios nem matéria, é efetuada pela ação aberta, criando instituições, leis e vida política, das quais o homem quer ser recordado expressamente: cria, pois, as condições mais específicas para a história. Esta ação – além de poder submeter a ação circular e recorrente a si mesma – **tem a capacidade de começar algo novo, ou seja, tem a capacidade de iniciativa**”.

A história (*historie*) nasce da sistematização do conhecimento, tem na racionalização da experiência seu ponto de partida. Sua evolução procede do pensar e agir a partir do conhecimento adquirido, elevando-se à um grau antes não alcançado. À atitude livre de agir sobre esse conteúdo inicial, denominamos liberdade. Com o passar do tempo as mais remotas experiências tornam-se amenas, cedendo lugar a novas.

Contudo, como poderá o homem prever a ação da liberdade? Logo, constatamos que ainda que o mesmo possa ter domínio sobre seu proceder, não poderá, via de regra, teleologicamente prever o agir dos demais sujeitos históricos. Ainda que a história ocorra, se desenvolva, em meio físico, ela é imprevisível, partindo da premissa da existência de inúmeras possibilidades no momento do proceder. O futuro é cognoscível na medida da certeza adquirida em que consigo realizá-lo sem a

interferência de outros. A história é imprevisível no momento em que os sujeitos não conseguem aplicar suas ações pela provável qualquer ação intrometida alheia.

A existência desses dois fatores – imprevisibilidade do agir e interferência alheia no plano original – decidem entre si a responsabilidade pelo futuro incerto.

Os dados passados servem *unicamente* como fator localizador no presente, não como unidade determinadora do agir atual. O que há de definir a atuação prática atual não é a ancestralidade, seu patrimônio hereditário, mas a condição do sujeito em face às impressões no momento de sua pretensa atuação presente. A intuição, em história, se serve do caminho percorrido até o agora para definir seu atual estado inaudito. O passado nos informa a respeito de como atingimos o presente estado já no próprio instante da interrogação a seu respeito.

Quando se diz que compreende um acontecimento, não se fala da compreensão de suas causas sociais, mas que conhece “*que o processo pelo qual uma possibilidade realizará é princípio da possibilidade real seguinte*” (ZUBIRI, 1964). “*A realidade histórica – diz Zubiri – não é um dinamismo social, mas um dinamismo de possibilitação*” (CRUZ, 2007:140). Isso quer dizer que, “*o fato de que o homem seja capaz de ação significa que se pode esperar dele o inesperado, que é capaz de realizar o que é infinitamente improvável*”. Nos dizeres de Simondon: “*Cada indivíduo pode ser tratado como um quantum de existência*”.

Agora compreendemos melhor a completude dos sistemas hegeliano e Schellingiano, no que diz à manifestação. Pois, embora a revelação, aqui em seu caráter antropológico, produza-se mediante a necessidade de agir, ela ainda comporta a inovação de concretizar atividade no presente antes não realizada, ou seja, “*o agir humano jamais ocorre sem pressupostos. Em cada ponto de partida de uma ação se encontram elementos de outras ações, anteriores, de tal modo que cada ação se articula com os efeitos de ações já realizadas*”. Trata-se pois da novidade, do descobrimento.

A atração pelo novo é o alimento pelo qual a história sobrevive. A descoberta do Novo Mundo pelos europeus, fascinados pelas pessoas, vegetação e riqueza, foi concebida em uma época não menos curiosa que a nossa. Alias, a presente era é tão devedora dos atributos desbravantes dos primeiros exploradores modernos, quanto o somos em matéria de ciência. A curiosidade *move* os homens na história. Não sem motivos, o momento atual abre-se à explorar “novos mundos” e à alcançar estágios mais elevados em civilização, tal como o fizeram Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Colombo, só pra citar latinos, entre outros. Os homens da atual história reproduzem,

com vigor, a ambição de dominou os descobridores de outrora. É por esse *thauma* que a espécie ainda se reproduz em conhecimento, legando às gerações futuras a habitual prática de descobrir.

Os viajantes, de várias culturas, foram os primeiros exploradores e acabaram por interligar a terra inteira. Em nossas atuais explorações, acerca do homem, da cosmologia, seguimos seus passos. A tentativa de uma teoria do todo, expressa essa pretensão. Com isso, os recentes estudos, desde células tronco embrionárias até o acelerador de partículas (Grande Colisor de Hádrons-*LHC*), já não são somente impulsionados pelo desejo de progresso científico, mas como presente obrigação inconsciente de perpetuar-se em face as suas descobertas ultrapassando fronteiras até então existentes. A necessidade de um agir inovador, como descoberta é o que leva o homem, cada vez mais, a desbravar o universo do conhecimento.

Prestamos conta ao passado mediante as exigências de *livre* proceder no presente, moldado pela interferência de um pensar generalizante, globalizante, universal e, sobretudo, de um atuar improvável.